



As fotografias que a atriz mostrou procuram captar a efemeridade das relações e mostram situações muito diversas

Raquel André coleciona amantes no Brasil e nos Açores

Desde maio do ano passado que Raquel André coleciona o efêmero. Como? Em fotografias. E que efêmero? O outro e a relação que temos com o outro. Na quarta-feira à noite, em Ponta Delgada, apresentou a sua *Coleção de Amantes*, o resultado de 73 encontros, que em setembro chega a Lisboa

POR **Maria João Caetano,**
em Ponta Delgada

Foram 73 encontros. 30 eram homens, 43 eram mulheres. 49 eram totalmente desconhecidos para Raquel. 19 eram conhecidos. Com 6 teve alguma intimidade. De 3 era muito íntima. 3 ofereceram-lhe flores. 4 chocolates. 1 deu-lhe 1 chupa-chupa. A todos ela olhou no olhos durante pelo menos cinco segundos. Esta é a *Coleção de Amantes* de Raquel André.

Raquel tem 29 anos e um currículo como atriz que se divide entre as séries de televisão e um teatro mais experimental. Há quatro anos, ganhou uma bolsa da Inov-Art para ir para o Brasil estagiar na Cia. dos

Atores. Ia por uns meses. Ficou até hoje. A fazer o mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, decidiu fazer uma investigação sobre o colecionismo nas artes performativas. “Acho que a coisa mais efêmera que existe é o outro e a relação que temos com o outro. Foi a partir daí que comecei a trabalhar”, explica. “Como posso colecionar o efêmero?”, perguntou-se a seguir. E a resposta surgiu-lhe quase óbvia: todos nós tentamos guardar o efêmero em fotografias.

Foi assim que começaram os encontros. “A proposta era marcar encontros com desconhecidos em apartamentos desconhecidos. O encontro dura uma hora, durante a qual ficcionamos que temos uma relação de intimidade e que vivemos naquele apartamento há quatro anos. E comprovamos essa vi-

vência em pelo menos uma fotografia.” Para fazer a sua *Coleção de Amantes*, Raquel teve 73 encontros. A 48 deu um abraço longo. De 44 despediu-se com dois beijinhos. Com 48 deitou-se na cama. De 30 ouviu claramente o bater no coração. 21 quase não a tocaram. 38 nasceram em Portugal continental. 6 nos Açores.

Começou no Rio de Janeiro, em maio do ano passado. Este ano esteve em Lisboa, com encontros marcados durante dois dias, e, por fim, em Ponta Delgada, na semana que passou, a convite do festival Walk & Talk (e a arte pública conhece bem o conflito entre o efêmero e o que permanece). O convite aos desconhecidos é feito através de amigos e das redes sociais. Raquel diz que lhe interessa a heterogeneidade, sair do seu ambiente, daquele grupo de jo-

vens artistas de 30 anos, chegar aos verdadeiros desconhecidos. “Não sei quem se inscreve, essa é uma premissa muito importante.” Abre a porta e surpreende-se. Pode encontrar um ex-namorado. Uma crítica de teatro. Um amigo de sempre. Um completo desconhecido.

Com 39 usou a sala. Com 25 a cozinha. Com 11 o corredor. O cronómetro marca uma hora. E o que acontece nessa hora? Conversam. Conversam muito. E depois tiram fotografias. 67 falaram de ex-relações. 55 elogiaram-lhe o cabelo. 15 comeram. Com os 73 Raquel sentiu-se inicialmente nervosa. Com 23 ficou tensa a maior parte do tempo. 63 emocionaram-se claramente. Do que falam dois estranhos quando são obrigados a ficar juntos durante uma hora? O que é a intimidade e como simulá-la (ou como vivê-la)?

Houve quem cozinhasse. Houve quem se despisse. Houve quem tomasse banho. Houve quem tirasse muitas fotografias e quem só tirasse uma. Para alguns a intimidade é um beijo. Para outros é uma gargalhada. Dormir agarrados. Confessar um segredo. As fotografias que procuram captar essa efemeridade mostram situações muito diversas. Lágrimas partilhadas. Mãos que se tocam. 43 fotografaram-lhe os pés. 1 pediu para ouvir Portishead. Outro quis ouvir Nina Simone. 7 falaram dos filhos. 1 deixou cair chá em cima da camisola de Raquel.

No final de cada encontro, além de ter uma ou mais fotografias para a coleção, Raquel registava o que tinha acontecido, para depois elaborar a sua lista. O catálogo da coleção. Foram esses dados que apresentou, perante uma pequena plateia, na quarta-feira à noite, na galeria Walk & Talk, em Ponta Delgada. E enquanto desfilava números – 1 falou da avó, 14 ficaram bem mais do que uma hora, 6 tinham relações com pessoas casadas, o mais novo tinha 17 anos, o mais velho 83 – no ecrã passavam algumas das fotografias dos amantes.

A atriz garante que durante os encontros não havia personagens. Era ela que ali se apresentava. Mas, tal como as fotografias são ficções, também o texto que acabou de dizer pode ser uma ficção. A fronteira entre realidade e ficção é difusa. É oscilante. Intermitente. E é nessa fronteira que ela gosta de trabalhar. “Não havia um guião. Tinha algumas ferramentas para desbloquear a conversa, mas estava muito aberta ao que as pessoas traziam. E, mesmo depois de muitos encontros, quando eu poderia estar a cair numa rotina, sempre me surpreendia com cada pessoa, cada pessoa é um abismo de novidade, na maneira como se relaciona comigo, com a intimidade, com o corpo.”

E, no final dos encontros, mesmo “havendo um filtro”, era normal criarem-se relações, nascerem amizades, nascer uma intimidade real na intimidade ficcionada. Aconteceu por exemplo com Helena, que cedeu a sua casa para os encontros de Raquel André em Ponta Delgada e acabou por ser a última participante nesta série: “O que ali aconteceu só a nós diz respeito. Mas, depois, fiquei a pensar que se calhar deveríamos ter feito outras coisas e tirado outras fotografias. O encontro pôs-me a pensar no que é a intimidade, que é muito mais do que um beijo, que é fácil de reproduzir para a máquina. E a verdade é que se a Raquel coleciona amantes, nós também o fazemos. Nós também a colecionamos.”

A 11 de setembro estreia, no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa, o espetáculo *Coleção de Amantes*, que será depois apresentado no Tempo Festival, no Rio de Janeiro. Mas a coleção ainda não está completa, assegura Raquel André. O verdadeiro colecionador é obsessivo e não consegue parar nunca.

A jornalista viajou a convite do Walk & Talk